ANNO II — CAPITAL FEDERAL, — 16 DE MARÇO DE 1899 — N. 73

ESCRIPTORIO E REDACÇÃO
N. 44
Travessa do Ouvidor
2º Andar

NUMERO AVULSO
400 réis

O Rio-Nú

PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO
HUMORISTICO
Ás quartas e sabbados

NUMERO ATRAZADO
200 réis

COLLABORADORES
Sachristão, Bock, Le Petit, Reporter, Carlone Kean, Gombeaux, Martin I, Dealino, Lucas Tavares, Chico Bola, Edisom, Ricaneur, Job Olina, Piparote, Dona Fina, Mané Gregorio Junior, Thereza, a Casta, Bock-Bier, Chopp e I rei Cebo.

DIRECÇÃO
DE
GIL MORENO E VAZ SIMÃO

Assignaturas para a Capital e Estados

Anno	12$000
Seis mezes	6$000
Extrangeiro, anno	25$000

SEMANA DESPIDA

Passou-se uma semana que nos prima
Pela fartura que trouxe no seu seio!
Tal e qual, direitinho como a rima
D'aquelle nosso amigo do Recreio
Por falar em Recreio, penso agora
Que esta *Semana* sondida e sereda
Pode mandar tambem o seu embora
Ao retratado do *Subido*—parodia.
Nunca se viu retrato tão bem feito
Nem que tivesse tanta semelhança!
E elle todo satisfeito
Mostra pela visinhança
Aquella prenda querida
Que conquistou como premio
Da peça onde a rima expressiva
Mais do que foi expremida.
E se o torno da cambada
Que a se tornar já começa
Pega-lhe em baixo com a peça
Sai-lhe a peça bem pregada!
Mas deixemos em paz o gerdo vate
Que anda a escrever uma nova dispa-
[rate
Crêde que o Governo teima
Em trocar na bella paisagem,
E em cada semana queima
Mais uma mil contos n'Alfandega!
E nós é que ficamos mais queimados
Com semelhante crepitação de bolsa
Julgamo-nos de todo derrotados
Pela mais humilhante das derrotas!
Pois se nós andamos prompto,
Limpos com gripho e sem gripho,
Sem poder fugir ao typho,
Porque não temos cachaça
E o governo por chalaça
Manda dizer que vai queimar mil con-
[tos!
Pois que queime e se arrenegue,
Do cobre todo dê cabo
E vá p'ra o diabo
Que o carregue!

* * *

E' pena os *D. Juanes* não se queimarem
N'uma fornalha todos elles juntos,
Pois se os deliramentos não pararem
Em breve não teremos mais... assum-
[tos
Sobe o calor, sobe o clima
E sobe a temperatura
E todo o mundo procura
Andar um pouco por cima.
E de repente os jornaes
Dão a tremenda noticia
O typo está na policia
E a gaja em casa dos paes.
A coisa se faz assim:
Vem o proter, vem o padre
Tempos depois a comadre
E um bebê louro por fim!
Do calor unicamente
Tem-se um terrivel pavor
Mas se não fosse o calor
O mundo não tinha gente.
Entretanto, parece epidemia!
Não se responta como alguma mais
E quem lê o que dizem os jornaes
Acerca de uma tal virgo-mania
Vê logo que esse mio das noticias
Só serve p'ra augmentar mais a von-
[tade
Aos taes *D. Juanes* que vão pela cidade
Em busca da ventura das primicias.
De fórmas que qualquer prima
Que tem um primo *futuro*
Tem de *pôr* o no seguro
E *porsthe* o selo por cima.
Do contrario o rouxinol
Chega-se perto e beliscu,
Come as doguras da boca
E depois *coupe* no anzol!
Mas o diabo é que este clima,
Este calor miseravel,
Se ataca o primo infanamavel
Inda mais ataca a prima.

Onde uma tal mesmice
Nunca se cataloga que se dê
Ella perde a cabeça
E ella perde o juizo.
Todos tem receio, todos são capazes
De uma loucura, dobrar tal bonhomia
E muita vez — palavras das raparigas
Julgando que a cachaça é desapparecida
Querem tomar por força — sorte grande,
E a typa, que já fica bravata,
Quando se casa e o noivo mais se vê-
[parde
Lhe deixa por baixo a immediata
E vae ficar todo pedre,
Pois todo queima a gravel
O pai queima o papel
E o tal *D. Juan* queima o cobre,
Mamãe, manda fazer o primo louro
Sendo dejeos que tem seu para o
[touro!

V. TIMOTHEO DA SILVA

Nú e Crú

Na praia de Santa Luzia ao meio dia de hontem, Augusto Silva e Maria da Piedade offendiam á moral publica, sendo por isso, presos e recolhidos ao xadrez da 4ª delegacia, á ordem do respectivo delegado.

(*O Paiz*, de 14).

Bonito quadro esse!

Ao meio dia em ponto, na praia de Santa Luzia, o Augusto Silva e a Maria da Piedade faziam um quadro encantador e bello.

Ao meio dia!...

O sol a pino; o céo azul, sem uma nuvem; em frente, o mar!

Lá, no 1º plano, na praia, o Augusto, a Maria, o Amor!

Não esse amor miseravel e mesquinho que se vende e que se compra nas alcovas infectas!...

Não. O Amor Grande, verdadeiro, á luz clara do sol, ao meio dia, na praia, em frente ao mar, ás vistas da natureza!

Uma deli ta!

Os dois, aconchegadinhos um no outro, contemplavam a grandeza da Natureza e a grandeza da sua felicidade.

O mar sem fim, o céo sem limite, o sol a pino, a fortaleza de Santa Cruz, lá, no longe, na barra, magestosa, sombria, e os olhos de Maria, grandes, cheios de volupia a cravarem-se insistentemente nos olhos de Augusto, tambem cheios de volupia, tambem grandes!

Em plena natureza!

Ah! como deve ser bom o amar se assim! Ter por testemunhas mudas do nosso amor o céo azul sem nuvens e o mar esverdeado, mansos, gemendo umas emoções sentidas, como a pedir tambem uma esmola de amor!...

Feliz Maria! Abençoado Augusto!

E que logar! na praia! Como elles souberam escolher um logar poetico! E' ahi que os namorados gostam de passear trazendo pelo braço o esguio perfil das suas amadas... Ah! é ahi. As ondas vêm, beijam a areia, e a areia vae beijando o mar.

E ahi, Augusto — e ahi, Maria, — vocês estavam amando! Ah! que é para chegar agua na bocca a um frade de pedra.

O sol cahindo a pino entre vocês dois; o mar, o velho mar, o leão das aguas, vindo beijar-lhes humildemente os pés, já um bocadinho tremulos; o Corcovado, lá de cima, olhando com aos olhos cheios de inveja e de desespero: o Pão de Assucar, babando-se; — e vocês, despreoccupados, felizes, entregues um ao outro, a gozar o grande, o enorme, o incommensuravel Amor!

E vocês não sabiam que o mar tambem tem ciumes? E vocês não sabiam que o sol não gosta de ver rocas cousas?

Ah! *aves felizardos!* Não se pode tambem desafiar assim a Natureza em peso. Não! Vocês quizeram muito e agora contentem-se ahi mesmo no xadrez da 3ª.

Ah! afortunada Maria! Ah! felizardo Augusto!

Boatos

Devido a penna illustre de illustrado e já quasi celebre comedio-graphio, *O Rio Nú* publicará no seu proximo numero um delicioso conto, verdadeiro primor de litteratura e de moral.

Sentimos que, devido á falta de chuva, esse primor litterario não se despenhe em cataratas de verve.

—

Passou o dia 13 de Março!

Passou e *O Paiz* não teve uma palavrinha, uma unica sequer!

??

—

Tendo um espectador do Recreio affirmado, em certa roda, que são inconvenientes os versos com que, no 2º acto da revista *Garoroche*, o personagem Imprensa, interpretado pela graciosa Pepa, apresenta o retrato de Emilio Zola, aqui damos esses versos, para confusão do tal espectador:

Porém deste nome o mais glorioso
nome
Pertence a um vivo, a um morto não
pertence,
E na historia já está.
Esse a pecada lapide não some;
Esse o verme do tumulo não vence...
Elle o é Emilio Zola!...

Verdadeiramente, os versos não são inconvenientes.

O que elles são é multissimo ordinarios!

Principalmente os dous ultimos.

O ultimo então é o que póde haver de peior em materia de cousas que não prestam.

Aquelle *el o é Emile Zo-la* está tão ruim que duvidamos seja da mesma lavra do autor da Revista.

—

Apparece diariamente na secção theatral d'*O Paiz* uma cousa qualquer sobre o Recreio Dramatico. Ora são os maldizentes, ora é a luz que não funcciona, ora é um Aragnamense, etc.

E' tão escandalosa a reclame que a gente chega a pensar que o homem da secção é amigo muito chegado do autor da peça.

—

Não tem fundamento a noticia de que Mme. Pepa se tenha desligado da companhia do Recreio.

A coisa não passou de susto.

—

Affirmam nos distincto medico, especialista em molestias nervosas, que o monologo do 2º acto de festejadissima peça, se não fosse dito pelo actor Leonardo, seria multissimo mais poderoso e efficaz do que o mais poderoso chloral e a morphina mais poderosa.

* * *

Continuam varias algumas cadeiras das primeiras filas do Recreio.

Oh! senhores! Porque não Cavor uma peça tão bonita!?...

GOSTOS

— Eu adoro um bom assado,
Dizia Lina Grazão,
Um soberbo *suflatão*
De pôr um *Zé* afobado.

— Eu prefiro camarões,
Replicava a Marieota,
— Eu gosto mais de compota,
Bradava a Juca Bulhões.

— Para mim, um peixe frio
Com pincetas *malagueta*,
Dizia a D. Marietta
Da rua do Lavradio.

— Eu morro pelas cugulas.
— Eu prefiro só leitão.
— Eu almoço macarrão
Sai cada todos os dias.
— E o senhor então não diz nada?
Pergunta ao Zé D. Aurora.
— Eu só me limito, senhora
Por uma boa cabeada!

JOB OLINA.

— Sua mãe, D. Amelia, parece tão nova como V. Exa.

— Olhe que isto não é muito lisongeiro para mim!

— Perdão, minha senhora, replica o Arthur atrapalhado, eu queria dizer que V. Exa. parece tão nova como sua mãe.

Cemiterio do "Rio Nú,,

EPITAPHIOS

O MACHADO

Aqui dorme por fim descançado
Um que foi levadinho da breca
E que a força de *ser* tão pelado
Falleceu de ser feio e careca!

BOCK

QUI-PRO-QUÓ

Toda a familia na varanda, a noite,
Falava, apavorada, do cometa.
Escuta-a, de parte, a bella Amanda
Cantarolando alegre cançoneta.

Suppunha então a bella creadinha
Que o cometa falado no momento
Era algum dos caixeiros-viajantes,
—Gente muito do seu conhecimento.

Quiz tirar á patrôa um tal pavor,
Dizendo que os cometas não temesse
«Porque ella já com muitos se chocara
Sem que o menor mal lhe acontecesse!»

PIPELET.

Entre genro e sogra:

Elle—... Entretanto, são os homens que ensinam, que mostram o bom caminho, os exemplos salutares a seguir...

Ella.—Como?

Elle.—Não é preciso irmos muito longe; seu marido, por exemplo, não morreu antes da sentença?

O selo

Quando vejo um homem gordo
De metro e meio de pelos,
Gosto de ver se tem filhos
E se as filhas já têm selo
Se sem o selo inda estão
— O que é um insulto á lei,
Corro então logo a sellal-as
Com um selo que eu ca-se

E assim, em localisando,
Digo em boa da verdade
Que tenho um gelo exclusivo
P'ra sellar o humanidade.

II

No tribunal correcional:

— Accusado, escolha entre as duas penas: ou dez dias de prisão ou 100$000.

O réo muito ligeiro, estendendo a mão

— Acceito os 100$000

FABULAS DO «RIO-NU»

BOM REMEDIO

Marieota anda bella de fazer
Já não come, não bebe, não dorme
Para ver apparecer na sala
E não leva esparrilho a vaidosa

A mamãe, o papá, todo o mundo
Só por vêla assim triste, cuidado
Quer saber qual a causa mal ruda
Que lhe dá tal desgosto profundo

«Eu não tenho, mamãe, já lhe disse,
Coisa alguma que a ou a me ou some
Pois o primo Antonico é quem póde
Me curar dessa leve bilioso»

Antonico, chamado á presença
Da pequena, e por entre os clamores
Foi dizendo: «Eu a outra, senhores»
E com a prima casou sem detença.

MORALIDADE

Para moça, a dizel-o me atrevo
Não ha como uma ... cura de primo.

BOCK-BIER.

Recebemos:

Arithmetica Elementar (2º anno) por M. M. Jardim.

Este compendio, adoptado pelos conselhos de instrucção publica de diversos estados, dispensa elogios, pois é conhecido como um dos melhores que possuimos.

Aos editores agradecemos a offerta.

O Grito, de Batataes, 2º numero.

O Arame, de Leopoldina, n. 15.

Foi encontrada no jardim do Recreio a seguinte oitava:

«Graças á varinha magica
Fui á rua dos *Andradas*
Arranjar uns dois *companheiros*
P'ra uma revista do tom!
Não achei (sorte carissima!)
Nem S. Francisco de *Paula*.
Não faz mal... Tambem deixal-o
Não de receio o que é bom!»

A julgar pelas rimas, parecem-nos cousa de futura revista.

THEATRO DO RIO NU'

—

O GATO

MONOLOGO ORIGINAL

DE

LEONARDO SACRAMENTO

Deram-me ha dias um gato,
Mimoso, lindo, pacato,
Muito esbelto e facil a!
Tem um corpinho bem feito
E só lhe note um defeito:
A escorregar é uma *mala!*

Por ser grande e bem nutrido
E ter o corpo comprido,
Por PIMPÃO foi baptisado
Com tal nome eu engrocei,
Foi o melhor que lhe achei,
Foi um nome bem achado.

Tem o gato exquisitices
Mesmo as vezes parecidas
Com tem qualquer mortal...
Quer ter a barriga cheia,
Jamais se lhe ta sem ceia,
Ceia farta, bacchanal!...

E' gato que tem saber,
E se davidam vão ver
PIMPÃO é gato precisado,
Sabe fazer pel'e cola
E vae direito á escuda,
Simplesmente pelo faro!

Nas refeições, isso sim!
Alarmeve até por fim
Com tão grande audacão!
E' exquisito... (já disse)
E na sua gulodice,
Por mariscos tem paixão...

Mariscos e ostras até:
Se alguma lhe cae no pé
Mostra ao chupal a mudez...
Talvez pareça farçada
Até mesmo encomada,
Mas n'um dia chupou dez!!

Oh! que malvado animal!
A's vezes lhe quero mal
Por ser assim brutalhão!...
Tem mais olhos que barriga:
Se como demais, — que espiga!
Lança o que come no chão!!

Fazem delle um máo juizo!...
Pois olhem: tem muito sizo
Embora um gato elle seja,
Procura só bons camisas,
Não forga a sota das damas,
E outra vez não deseja!

No inverno é que é pagode:
Com um gato ninguem pode
Sempre de tres tão cheio!
Procura um bom agasalho,
E após inmenso trabalho
Faz sempre o ninho no meio.

Mas um feito: é ser manhoso,
E quando faz-se amoroso;
Se se passa a não no pello:
Se de arigodoes lhe pesa:
Fica duro e fica teso
Que é bem difficil contel-o!

—

P'ra terminar, aqui digo
Um facto dado consigo
E o gato sujeito estudo:
E um caso verdadeiro
E vou contar todo inteiro
O facto mais que provado:

— Ninguem gosta do meu gato,
Gostam-no os quel'um rato,
E é isto um caso estão!...
Porque a prima Thereza,
Com a gaiola e gorditeza,
Acarecia o PIMPÃO!!

SCENAS DE ALCOVA

COMEDIA EM UM TOLEDO

EPOCHA: — *Em que todas contam as tabuas do tecto como unica meio de aprender... tabuada.*

—

QUARTO MOBILIADO, PROPRIO PARA SOLTEIRO

CHICO. — *Rapaz da moda, tomador de cavallada.*

LILI. — *Rapariga toda cheia de qualidades e que necessita de irrigações mais frescas.*

—

CHICO, *só, deitado de barriga para cima e monologando* — E ella não vem! E ella não vem! Ora que espiga! O demonio da paixão mettem-se cá pelo meu organismo... Já não posso passar sem ella. (*O relogio dá 10 horas*) 10 horas! 10 horas e nada! Ora piposas! Por causa das duvidas matemos o tempo... contando as tabuas do tecto. (*Muda de posição. Estico-se mais que um defunto*).

LILI, *fora.* — Chico! Oh! Chico!

CHICO, *com voz de quem está morrendo de excessão.* — Quem está ahi!

LILI. — Sou eu, meu amor.

CHICO. — Espera um pouco, estou acabando de contar a ultima tabua. Ora graças! 321 (*levanta se*). E' sua, oh meu amor! (*Vae abrir a porta.*) Póde entrar.

LILI. — Estas só!

CHICO. — Placidamente como a concha isolada no fundo do pelago *infinito*. Mas, meu bem, chegaste um pouco tarde.

LILI. — Tarde! 10 horas agora.

CHICO. — E então; para o amor o tempo vôa.

LILI. — O que fazias na minha ausencia?

CHICO. — Nada. Cousa nenhuma.

LILI. — Voce está doente!

CHICO. — Eu! Ora essa!

LILI. — Quando eu cheguei voce estava gemendo (*passando lhe a mão pela testa*) Estás quente.

CHICO. — Talvez algum ataque de indigestão.

LILI. — Voce estava gemendo...

CHICO. — Eu não gemi, vomitei.

LILI. — Pudéra! Voce come vatapá e angú na Gruta Bahiana...

CHICO. — Perdão. Hoje não comi na Gruta Bahiana. Até não jantei...

LILI. — Se voce não jantou como é que teve indigestão?

CHICO (*atrapalhado*) — Isto é... jantei... Ah! minha filha, eu vomitei leite como um danado! Se tu visses...

LILI. — Pobre Chico! Já passa sem jantar! Jantar leite!! E' por isso, meu filho, que estás doente!

CHICO. — Ai! minha Lili, ando agora em posição muito triste. Meu pai ainda não mandou a mesada.

LILI. — E estás doente. Nada, hei de tratar-te. E's merecedor de um tratamento energico e carinhoso.

CHICO. — Vês como estou magro? Tenho os ossos de fóra.

LILI. — E que olheiras!!

CHICO. — Pobre de mim. Ha dez noites que não saio de casa. Fico nesta jasmaceira... (*suspirando*) E eu pensei que voce não viesse...

LILI. — Hei de vir todas as noites agora. Enquanto estiveres doente não de xarei a tua cabeceira.

CHICO (*á parte*) — Hei de estar seis mezes doente. Pudéra! Com semelhante *fazenda* a meus pés...

LILI. — (*reparando*) — Mas que é isto? Heia?

CHICO. — Isto? Não é nada. Ai! rapariga, estou muito constipado. Não ha lenço que me chegue. Limpo o nariz em toda parte. Nas ca'sas, nos lençóes, no diabo!

LILI. — Toma cuidado comtigo. Parece me que estás muito doente. Sentes alguma cousa?

CHICO. — Sinto um fogo enorme dentro de mim, os olhos parecem quererem saltar das orbitas, a saliva parece mais um producto gomoso...

LILI. — Oh! Chiquinho os divertimentos hão de te fazer muito bem.

CHICO. — Mas como se eu não posso sahir de casa?

LILI. — Não te dê isso cuidado. Eu me encarregarei disso.

CHICO. — Qual, minha velha, eu sou peior que um condemnado.

LILI, *com lagrimas nos olhos.* — O que fizes? Chiquinho!

CHICO, *com ar de quem soffre de afecto.* — Passo o meu tempo contando as tabuas do tecto. Lili!

LILI. — Pois bem. De hoje em diante morarei aqui. Seremos dous a soffrer. Eu me resignarei comtigo. Mudaremos as posições e os divertimentos. Eu passarei a contar as tabuas do tecto e tu... tu... as do chão.

CHICO. — Valen! Oh! *Lilizinha*, tu *és* um talento! Uma mentalidade! (*com voz entrecortada pelos soluços e arregalando os olhos*) Oh! morrem, vamos fazer um cazaio!...

CAHE O PANNO

CAETANO KRAN GOMBEAUX.

MODINHAS BRAZILEIRAS

—

BOLINA

Modinha para ser cantada com a musica de *barcos do Rezende de Eduardo Neves.*

Anda a gente pelos bonds
Sem poder meu se virar
Porque grita certa moça
Este homem quer bolinar!

Anda a gente pensativa
Sem poder accommodar se
Esperando a toda hora
O instante de bolinar-se

Uma vez ia n'um bond
Dona Nica satisfeita
Quando diz p'ra sua mão
Bolinão para a direita!

— Pois então á filha minha
Muda já de direcção!
— Não se póde, pois a esquerda
Me bolina um bilontrão!

Ouvindo isso mãe Gertrudes
Dá gritos dilacerantes
Exclamando em voz bem forte:
Senhora dos Navegantes!

Mãe Gertrudes ia num bond
A falar com seu Amando.
Quando a filha ao lado grita:
— Mamãe'stão me bolinando.

Uma vez era bem tarde
Quando eu ia me deitar
Eis que ouço uma voz dizer:
Olhe, querem bolinar

Logo corro pressuroso,
Me dirijo ao tal lugar
E outra vez ouço dizer:
Olhe querem bolinar

Espantado, atrapalhado
Sem poder a causa achar
Por ter sido um grande chuva
Quem fallava em bolinar

Ora vejam meus senhores,
P'ra que a tal cerveja dá
Uma cachaça já me fez
Andar d'aqui p'ra acolá.

Diz se mesmo com recato
A qualquer bella menina
Não haver um desacato
Nunca antes da bolina

Aos queridos da bolina
Aqui eu venho saudar
Não vinjeis pelos bonds
A não ser p'ra bolinar.

DR. CAVEIRINHA.

LICÇÕES DE FLAUTA

Ah! Se o leitor nunca teve alguma vez, por visinho ou visinha um amador de flauta, nunca soube o que é bom!...

Eu tive já por visinha uma menina encantadora, cuja paixão unica e constante era a flauta.

Tocava de noite e de dia, e a velha mamã, apesar de que os seus posses o não permittissem, nunca faltou com o necessario para que á sua filha não faltasse a mão guiadora de um professor.

Este, um bello rapagão de grandes bigodes e tambem de grande fama de *bolinão*, ia todas as noites que Deus dá em á casa da jovem e interessante discipula, dar lhe as costumeiras licções e nos dous dedos de amavel palestra.

Elvira, assim se chamava a discipula, achando que a luz que vinha do grande lustre era sufficiente, deixava de accender as velas do piano, e ficavam, ella e o professor, abrigados pela protectora sombra que então projectava o velho Erard.

A mamã achou que aquillo estava um pouco ás escuras e, com bons modos, foi lhe dizendo que talvez fosse acertado o accenderem as velas, porque assim veriam melhor as notas da musica.

Isto na vista do professor. Depois que elle sahio, a velha, mais energica, disse que «suspenderia completamente as licções se ellas continuassem assim, d'aqui a la mamã, que até não parecia direito a uma menina de familia».

Na noite seguinte estavam acesas as velas. Mas, cousa singular! começaram a apparecer uns pingos de cera no assalto, por signal que em logar bem distante d'onde ficavam as velas.

A velha arregalou os olhos:

— Que diabo, Elvira! Que raios de pingos são estes!

— São das velas, mamãe.

Dando mais luz ao gaz e voltando o piano para o lado do lustre, a desconfiada mamã acabou novamente com as velas, que lhe estavam estragando o soalho todo, segundo dizia a menina.

Era despeza dupla: o custo das velas e a despeza de estar a lavar o soalho quasi todos os dias.

Acabou-se com as velas, mas (coisa ainda mais singular!) os pingos continuavam desesperadamente a cahir, e em logares differentes, a ponto de parecer que a menina andava com a vela na mão pelo chão da sala enquanto dava as licções.

A mamã achou que aquillo era pingo de mais e, farejando como cachorro que sente caça, arregalando os olhos por traz dos seus oculos de ouro, chama Elvira a sala e pergunta lhe em tom severo «que diabo de historia era aquella». E, abaixando se no soalho com a menina pelo braço, queria saber «se aquella pingadeira não acabava mais...»

— D'antes era a vela, dizia a mãe de Elvira, mas agora! Que diabo de historia é essa!...

E a menina, a titubear, muito cerculinha e nervosa, foi dizendo que não sabia, não senhora: só se era do instrumento do professor...»

— Da flauta? perguntou a velha.

— Sim, senhora. E' que o professor bota muito oleo e quando eu acabo ella inclina a flauta assim p'ra baixo.

E a menina com o braço indicava a maneira como o professor deixava ficar o instrumento depois da licção.

A velha olhou desconfiada e prometteu examinar essa historia logo á noite com os seus proprios olhos. Queria saber o que diabo era que a filha andava a tocar!

DR. BOTUDO

UMA SESSÃO DE HYPNOTISMO

A JOB OLINA

O Dr. Facundo era o que se podia chamar um medico especialista de molestias das senhoras. Tratava pelo hypnotismo, a sciencia moderna, como elle dizia aos clientes e amigos.

Uma certa noite, já passava das onze, foi chamado por uma gentil pecadora, que morava, si bem me lembro, lá para os lados de Catteto.

Lucia, chamava se a rapariga, que por signal era bem bonita e que possuia, além de boas carnes, uma chusma de adoradores *pagantes e gratuitos.*

O Dr. Facundo no lado da esposa adorenecida, teve impetos de mandar dizer que não estava em casa; mas o recado era formal:

— A doente estava muito mal. Já tinha tido dous ataques e não via se sem fala.

Vestiu se o nosso medico, tanto de somno, a esbarrar nos moveis, e embarcando n'um tylburi, que havia sido posto á sua disposição, fez se a caminho de Catteto a trote largo.

N'uma pittoresca vivenda, quasi á beira-mar, fez alto.

Entrou. Quatro rapazes grapes e outras tantas raparigas, pessoas de amizade da pecadora, anciosamente esperavam essa visita, por isso que baldados haviam sido os esforços que empregaram durante quatro longas horas para que a doente voltasse a si.

— Ciumadas, doutor; dizia a Adelia, uma trigueirinha esbelta e faceira. Ciumes de um homem que não vale o caracól de um gato!

E o Dr. Facundo, todo melifluo, todo cerimonioso, dirigiu se ao quarto, onde n'um leito de *sicuri-cheue* jazia desacordada a pobre Lucia, com os olhos semicerrados, de roupão aberto, de mãos crispadas...

Approximou se o doutor e depois de algumas ligeiras fricções Lucia tornou a si.

— Conte me, senhora, o que teve.

Ella com os olhos languidos, respirando a custo, pediu lhe que fizesse sahir toda aquella gente, queria falar lhe a sós...

A ordem foi transmittida immediatamente. Os rapazes sahiram logo depois e as meninas após muitos beijos e abraços, despediram se da Lucia com um *até amanhã*, que causava pena.

Ficando a sós o Dr. Facundo auscultou a doente e fez lhe sentir que o hypnotismo havia de cural a em poucos dias.

Ella quiz submetter-se de prompto á indicação do medico.

Elle, muito terno e delicadamente poz se a olhal-a muito rente a seus olhos apertando lhe as mãos.

— O que estou fazendo? disse o medico.

— Apertando me os dedos das mãos, não é?

— E agora? replicou o Dr. Facundo beijando lhe as faces.

— Beijando-me, disse a Lucia.

Despindo lhe o roupão o grande hypnotisador, perguntou:

— E agora?

— Agora, murmurou a bella pecadora, agora está o doutor collocando-me como se fosse Eva depois do peccado!

Minutos depois, o doutor perguntava entre suspiros e ais:

— E agora, Lucia, e agora!

— Ah! doutor, agora está o senhor se constipando de tal fórma que bom seria, quando sahisse, comprar um vidro de xarope de Gibert!...

LUDOVIC.

PREMIOS DO «RIO NU»

No nosso penultimo numero foi premiado: no *Motte a concurso*, MATREIRO que obteve o primeiro logar; na *Nossa edicinha* foi PEDINI quem primeiro conseguiu matar todas as questões. Ambos podem vir ao nosso escriptorio receber o premio.

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero dous versos que devem ser glosados pelos concurrentes, obtendo, como premio, aquelle que melhor collocação tiver, um volume a escolher da *Collecção Popular Moderna*, editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervalle de um numero, sendo as glosas recebidas até o dia da publicação do numero antecedente.

Para o motte:—

Seu Maneco deixe disso
Eu vou contar ao papai

recebemos as seguintes glosas:

— Oh! perna assim... «feitiço»
Disse-me tal Maneco Maia.
A moça, abaixando a saia:
«*Seu Maneco deixe disso.*»
Mas o rapaz em serviço
Suspendendo tudo vai,
E febril de braços cae.
Ergue se a moça chorosa
E grita muito raivosa:
«*Eu vou contar ao papai*».

MATREIRO.

—

O Manoel disse á Rosa:
Chupa este bello chouriço,
Esta grita lhe raivosa;
Seu Maneco deixe disso.
Mas elle, todo derriço,
Na bocca metter-lh'o vai...
Diz ella, soltando um ai:
Que porcaria esta una?!...
Pois, olha, se continua,
Eu vou contar ao papai.

JOÃO FRADINHO.

—

Vendo mui forte o derriço,
Disse a Rita ao namorado.
Que estava todo babado:
Seu Maneco deixe disso...
Poula p'ra o lado o canico

Vencedor você não sae.
Descance que ella não cae
Por mais que você se torça;
Agora... se quer á força
Eu vou contar ao papai.

LEVIANUS.

—

Toda cheia de derriço
Vendo a tenção do Manduca
Disse, escondendo a cambuca,
Seu Maneco deixe disso
Tenho medo do feitiço.
Perdida fica quem cae;
Se embora você não vae
Eu faço grande barulho,
E pondo você no embrulho.
Eu vou contar ao papai.

K. QUINHO.

—

Na venda do Braz Chamisso,
Faz compras Rosa Sampaio.
— Vamos ver lá dentro o paio!
— *Seu Maneco deixe disso.*
Traga cá fora o chouriço.
Ella insiste, ella então vae;
Mas correndo de la sae
A gritar: não quero não,
Eu vou contar ao papai.

D. TOMATE.

—

Não ha, Rosa, compromisso,
Em receber o presente;
Pega Rosinha, consente:
— *Seu Maneco deixe disso*
Não acceito seu chouriço;
E pingando como vae
Inda algum pingo me cae,
E o senhor sempre a teimar,
Olhe que se me sujar
Eu vou contar ao papai.

D. PEPINO.

—

Seu Manél eu não cobiço
A Marieota dizia
E gostando repetia
Seu Maneco deixe disso.
Começando o rebeliço
O Manéco diz... lá vae...
O mallado logo sae!..
Ella muito atrapalhada
Bradava toda zangada:
Eu vou contar ao papai.

TIO TORRES.

—

A' Ritinha, o meu derriço
Um pedido serio fiz,
Mas ella com graça diz:
Seu Maneco deixe disso;
Do pedido o compromisso,
De cazar, no laço cai,
Mas depois.. n'um terno ai!...
Segredou ao ouvido meu,
Seu Maneco me offendeu!..
Eu vou contar ao papai.

GAVROCHETE.

—

A Mafalda em rebeliço
Com seu Maneco brincava
Porém, se elle... gritava:
Seu Manéco deixe disso!
Um dia c'um pão roliço,
Brincavam do *eu e você*,
Ella que por cima sahe cae,
Ella por baixo gemendo,
Sahio, chorosa, *dizendo*:
Eu vou contar ao papai.

RICARDO CAVEIRA.

—

A Rosa vendo o chouriço
De carneiro da esquina
Disse com voz muito fina
Seu Maneco deixe disso.
Elle, porém, com engulço
A coisa empurrando vai,
E Rosa gemendo... ai... ai...
Foi dizendo de mansinho:
« Qu'esper agora um netinho
Eu vou contar ao papai ».

FERRO, DURO & C.

—

Eu tenho um gallo mestiço
Com sua pescoça pelado,
Mostrando o á visinha no lado
— *Seu Maneco deixe disso*
Me diz ella com derriço;
Seu lico gallo não *bol*
O seu papo muito cae,
E com pelle lhe macia
Parece mais lenxaria...
Eu vou contar ao papai.

FREI SINETE.

—

Mostrava todo o seu viço,
O Manel á prima fóra,
Que de mansinha até chora.
« *Seu Maneco deixe disso.*
Eu treme como um canico »
Diz ella abafando um ai.
« Você com isso me attrahe...
Esconda o seu relicario,
Porque, no caso contrario
Eu vou contar ao papai».

MACAMBIRA.

—

A *bolinar* o derriço
In a Maneco d'Almada,
Quando ella disse zangada,
« — *Seu Maneco deixe disso...*
« — Não me presto a esse serviço,
« N'isto a Maneca não cae
« Se *bolinar* inda vae,
« Veja que estamos na rua,
« Porque se assim continúa
« *Eu vou contar ao papai.*

GUIME.

—

Tu pensas que tem teitiço!
Porque não queres chupar!...
Ella, então, disse a chorar:
Seu Maneco deixe disso
Jamais gostei de derriço.
— Qual... menina, chupe a canna
Pois tudo rebenta ou vae!...
Ella chorando, então, sahe,
— « Onde vais, minha mangana! »
« *Eu... vou... contar ao... papai...*

RODEMÓR.

—

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte:

A sobrinha da Machuca
Deu já todo quanto tinha.

Só recebemos até terça feira as glossas deste motte. As que nos chegarem depois, serão inutilisadas.

As glossas devem vir em tiras, escriptas de um só lado.

NOSSA ADIVINHA

« Honny soit qui mal y pense.

—

VERSOS A CONCLUIR

I

Dizia a D. Clarice
Essa de quem a tolice
De um beijo não consegui;
— Ai que vida eu levo agora!
Meu marido foi p'ra fóra
E esta noite não.....

DONA AQUELLA.

CHARADAS NOVISSIMAS

II

Por baixo, esfrega, o membro — 1—2.

DEIRO' JUNIOR.

III

Leva dentro, o membro do saltedor — 2—1.

FERRO DURO & C.

IV

O redondo do homem toutiça — 1—2.

K. QUINHO.

V

O vento deste homem serve para guardar — 1—3.

THEBAS.

VI

A actriz leva dentro este metal 1—2.

DEIRO' JUNIOR.

VII

Entregue o redondo ao diabo — 1—1.

FREI K. OLHO.

VIII

Gosto da mulher que é meiga. — 2.2.

GUIME.

IX

O rego da Dorothéa é risendo. — 3-1.

FREI SINETE.

LOGOGRIPHO

X

AO ILLUSTRE CHEFE VAZ SIMÃO

Certa *pequena* escondeu. — 2 5 4 11-13 8.
Aqui nesta embarcação. — 13 8 7:
Para o *fim'camento* lhe dar. — 6-1-10-11-14 6 8 13-5.
O casquilho Vaz Simão. — 3 5 3 14-11-13-9.

Que pachuchada fizeram
Os melros alli mettidos!
Quantos genidos magoados — 6 12-11-6 7.
Que d'alli eram ouvidos.

Pela sorte do magano.
Felicital-o devemos,
Ao feito tão glorioso
Um brinde pois levantemos.

LINCOLS.

—

CHARADAS ANTIGAS

XI

O homem que vês aqui — 2.
No redondo é conhecido — 1
Ha quem diga por ahi
Muita gente o tem comido.

K. C. PORÉ.

—

PERGUNTAS E RESPOSTAS

XII

O que é? O que é?

Qual o homem que tem luxos?

MYOSOTIS.

Confere.

FREI CEBO.

—

Só recebemos as decifrações deste numero até terça-feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

—

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervallo de um numero, recebendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

Ao primeiro decifrador daremos, como premio, um volume, á escolha, da *Collecção moderna*, bibliotheca editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

Acceitamos collaboração, que nos deve ser enviada em tiras escriptas só de um lado.

Os *pontos*, n'este torneio, são contados, um, por questão decifrada, ou por trabalho publicado.

Servem mes *pontos* para a distribuição dos premios, que faremos aos cinco primeiros collaboradores e decifradores, no fim do mez corrente.

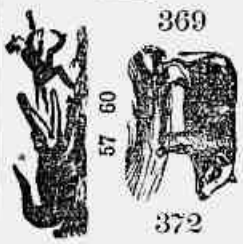
Decifrações e decifradores do n. 71.

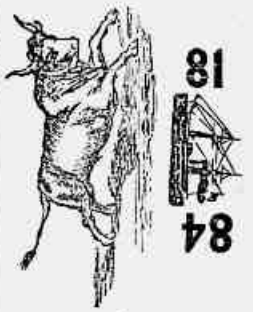
Propuzemos 12 questões, cujas decifrações eram:

Abrosa, Mulata, Ursula, Meiacara, Cavalheiro, Lavacha, Placido, Cascalho, Marianna, Sant-Ana, Lazaro, Dormir.

Decifraram: Perini 12, Frei Sinete 12, Frei K. Pado 11, Dr. Brocha 9, D. Pepino 10, Dr. Curinga 11, Dondocas 8, Rodemór 6, Frei K. Olho 8, Parasita 11, K. Quinho 11, Frei D. Zet 6, Lincols 10, Anfan 12, Macambira 11, Valete de Ouros 12, K. C. Poré 12, Cocegas & Comichões 11, Levianus 11, Ferro Duro & C. 11, Deiró Junior 11, Myosotis 11, Thebas 19, Ubirajara 10, As de Copas 11, K. C. 14.

QUEBRA-CABEÇAS





Ganha de certo o bichinho
Que habita os sertões do norte,
E só perde no joguinho
Quem mesmo não tiver sorte.

FOLHETIM 6

A VINGANÇA

DE

UM SAPATEIRO

Romance realista

POR

ROCK

—

PRIMEIRA PARTE

A COINCIDENCIA

II

(*Continuação*)

A menina, corada e nervosa, passeava freneticamente pela casa, sempre de mau humor, não comendo nunca, e sempre a apertar as mãos uma contra a outra e a morder os labios em espreguiçamentos constantes.

Foi precisamente por esse tempo que o João da Cunha appareceu.

N'aquelle moço, trabalhador e modesto, os pais de Rozinha viram o salvador da situação.

João apresentou-se como um pretendente dos arados. Queria casar. Julgava-se no caso de dar esse arrisadissimo passo, e como já apresentava-se liberalmente, seu relinqueo, tudo direito ao fim.

Vira a menina, gostara, achara que ella podia fazer a felicidade dos seus dias e declarar-se.

Elle, que diabo! podia casar. Trabalhava e ganhava honradamente a sua vida, era estimado por todos, não tinha dividas nem precedentes que o desgraçassem. Pelo contrario, todos lhe gabavam a brandura do genio e a solidez das botas. Ah! ninguem fazia botas mais solidas de que o João!

O diabo era que a moça não parecia, já para o que digamos, muito inclinada. Vivia tristemente, romantica e suspirosa na janella, e quando alli passava o corteja-o respeitosamente, ella chacoa-o distraida e distraida correspondia o cumprimento. Aquella indifferença martirisava o João.

Oh! muito! O pobre homem já pouca attenção prestava aos couros, pouco tardaria que a freguezia se desgostasse; e antes d'isso elle quiz cortar o mal pela raiz.

Um bello domingo metteu-se dentro de sua sobrecasaca preta e lá se poz a caminho para a casa de Rozinha.

Chegou e pediu a moça em casamento.

« Que lhe desculpassem, dizia, que lhe desculpassem elle não se ter precedido de uma apresentação, mas o coração tem exigencias que se não podem combater. »

Já exagerado o saor da festa, concluia que « até estava elle, ignorado e modesto, a pedir para si a subida honra de desposar aquella interessante joven ».

Os velhos acharam geito no rapaz. Geito e vontade de casar.

A menina, porém, conservava-se impassivel, como se se estivessa tratando de outra pessoa completamente extranha. O João desconcertou um bocadinho a velha, mãe de Rozinha, sempre geitosa e sempre conciliadora, disse ao moço que «sim, senhor, que não havia duvida, mas que elles pediam dois dias para dar a resposta e consultar a menina».

Essas palavras entraram nos ouvidos do sapateiro acompanhados d'um rolo de esperança que logo se aninhou no coração. Despediu-se e, da porta, todo terno, com uma voz que parecia ter levado kilo e meio de assucar, disse: — *Até amanhã*...

— Até depois de amanhã, disseram os velhos, « foram mostrar a Rozinha todas as vantagens que lhe podia trazer aquelle casamento.

A menina já tinha idealisado o seu noivo, já o conhecera na imaginação como ella o queria, e o que ella queria não era precisamente um sapateiro. Não.

Nos seus devaneios, por entre as paginas ardentes dos romances que lêra, ella tinha escolhido um type muito diverso, um rapagão escudida e galante, que lhe fizesse versos a horas vagas, em vez de fazer chinelas.

Era isso o que ella sonhára, mas com todos os diabos! isso não vinha. Esse, que desde muito ella tinha no pensamento, esse não apparecia e se deixava dear indolentemente no rol das coisas desconhecidas.

Não vinha... Não vinha e ella não podia viver eternamente de sonhos.

O seu sangue moço pedia que se casasse, o seu corpo todo contorcia-se nas ancias de um desejo ardente, e ella não estava agora para se sacrificar toda a vida por *alguem* que não sabia se apareceria ou não. O que faltava era aquillo: um homem forte, moço, robusto, que a amasse muito e que lhe désse tudo aquillo que o seu temperamento exigia, tudo o que o seu sangue moço reclamava, o afago, todo a que a sua carne tinha direito.

Bisas para as idéas. Não era de fantasias que ella precisava, e sim de outra coisa mais solida que lhe compensasse todo o sacrificio de andar dicindo um ente que por fim de contas não apparecia nunca.

E, quando, passados dois dias, João da Cunha appareceu, Rozinha já lhe sentia bondosamente, e a santa velhinha via-a a correr do interior da casa, a pedir as alviçaras e a dizer que «sim, senhor, que tudo se arranjára e que a menina não punera duvida nenhuma.»

João estava radiante e a velhinha, já com uma autoridade de sogra, folhe dizendo que «havia só uma condição e era fazerem a amarração o mais depressa possivel», porque, dizia, «a menina andava muito amofinada e não lhe convinha, n'aquillo nervoso em que ella andava, um noivado muito demorado.»

— Que perigo, *seu* João! Se a menina, coitadinha, anda a suspirar atôa...

Dois mezes depois estavam casados.

A noite do noivado foi um horror. João teve medo da mulher. Quando a matrinha, tendo acabado de despil-a, retirou-se delicadamente da alcova, indicando ao João para que entrasse, já o estado nervoso da noiva era extraordinario.

O sapateiro entrou, ainda de casaca e slak, e muito mal fechou a porta, já a mulher, em camisa, tendo descido da cama, bebia-o sofregamente, nos olhos, na nuca, na testa, segurando-lhe a cabeça com ambas as mãos e encostando-lhe todo a pujança da sua carne, todas as macias contornos das suas formas esculpturaes.

A moça parecia uma leão e, João da Cunha, n'aquelle primeiro instante, tomado de terrivel commoção, ficou inactivo. Parecia um homem de gelo. Perdeu completamente a acção e não poude sequer beijar a mulher ou articular uma palavra.

Rozinha comprehendeu que aquillo era um forte abalo de momento e afastando-se para que o marido se tornasse mais calmo, foi deitar-se no largo leito que ficava, no fundo do quarto, tendo o cuidado de deixar bem á mostra todos os encantos de que dispunha, capazes de levantar a corugem do João.

Este, entretanto, despia-se vagarosamente.

(*Continúa.*)

PORTARIA

P. M. DE MAGALHÃES (Ouro Preto)—Póde mandar as suas ordens, acompanhadas da respectiva importancia, que será immediatamente servido.

BI-BI POSTAL. — Mande cousa melhor; o que veio não serve.

A. O. D. O. C. — O menino pensa que isto aqui é o... segredo da mãe Joanna?

PRIDIAS. —E' nossa opinião que póde continuar a mandar-nos as suas producções, uma vez que abandone a pureza que lhe censuramos.

ADELIA. — A sua glosa serve sómente para ser publicada no Apostolo.

Z. NOTTO P. LADRANO.—Veja a resposta que demos a Adelia.

ANNUNCIOS

CHARUTARIA CASTELLÕES

Unica que recebe cigarros
S. Luiz do Parahytinga;
Barbacena (Valle);
Espirito-Santo do Pinhal;
Baependy;
Sitio;
Borbolota.

DEPOSITO DOS CIGARROS ITATIAIA
GUIMARÃES & C.
71 Largo do Rosario 71
S. PAULO

PRESERVATIVO
DA
Gonorrhéa e da Syphilis

Usem a *Lagotina* do Dr. Eduardo França, conforme ensina o folheto que acompanha o vidro, e evitarão o contagio d'estas molestias.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

DEPOSITARIOS
ARAUJO FREITAS & C.
114—Rua dos Ourives—114
Canto da de S. Pedro

TROVADOR MODERNO
DE
MODINHAS BRAZILEIRAS
CONTENDO

Assombrosa collecção de modernissimas modinhas brazileiras, apanhadas directamente do vulgo e que não se encontram publicadas em nenhum outro trabalho.

PREÇO 1$000 RÉIS

A' venda no escriptorio desta folha

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 2$500, em carta registrada com valor declarado, dirigidas á gerencia desta folha.

TROVADOR DE ESQUINA
OU
REPERTORIO DO CAPADOCIO
CONTENDO

Canções populares, Fandangos, Sambas, Fadinhos, e Desafios, Cantigas, que prendem as raparigas, Cantatas que deleitam as mulatas, Modinhas que chocam as crioulinhas

COLLECIONADO POR
João de Souza Cunegudes

PREÇO 2$000

A' venda no escriptorio desa folha.
Pelo correio mais 500 réis

Um livro admiravel, elegante e precioso!!!
ACABA DE SAHIR A LUZ E JA SE ACHA A VENDA O

CANCIONEIRO POPULAR
DE
MODINHAS BRAZILEIRAS
Unica e exclusivamente composto das mais formosas e conhecidas modinhas brazileiras

Fique-se, porém sabendo que não se trata de um livro vulgar, feito de pressa, em que se fossem reunidas a esmo cantos, recitativos e modinhas, por qualquer pessoa, copiando-as estupidamente, como as ouvisse cantar.

O **Cancioneiro Popular** é um volume sabiamente organizado pelo Sr. CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE, distincto moço, conhecido poeta e prosador, excellente professor de linguas, nome que toda gente conhece e tem applaudido.

O autor reuniu pacientemente as mais bellas poesias populares, que se prestam para o canto (**MODINHAS**), encontrou-as de modo que contenham nessas palavras e a musica; indicou em cada uma a musica com que deve ser cantada. Desse modo, o livro tornou-se admiravel e precioso.

Eis o indice:

A primavera é uma estação florida; Tenho saudades do Maria; Ao violão; Minha vida em um lago transparente; Qual flor dodo o marinheiro; Se lhe offerecem banana; Minha alma solaça, ninguem lhe responde; Veja, risonha morena; Entre o perfume das flores; Nas horas que passo comtigo na mente; Se foi crime te amar com loucura; Lundú infernal; A loira o que de manso; Borboleta, meus amores, mimosa inseto onde vais; Tanto amor puro, santo e sublime; O batuque, canção do africano; Perdão, Senhor nosso Deus, minh'alma sente Se não me amas, o mulher, porque me prendes; O poeta e a fidalga, modinha muito conhecida com o titulo—*Desprezo*, contendo os oito versos (e não sois como por ahi anda toda errada). Não é, tu quem eu amo, não és; A loura franca; O' pallida Madona dos meus sonhos; Ao raiar da esquina, eu vi em Lisboa; As ondas são anjos que dormem no mar; Os olhos azues; Sonhei comtigo, donzella; Tu me perguntas a historia do pobre triste ranchinho; Oh! mulher não sorrias, que eu choro; Que valeu [illegible]; Vem ver, Elisa, como surge a lua; Teu nome; Eu amo a calma que ella tem; resto brilha; Talvez não creias que eu por ti sou louco; Chiquinha, seu te pedisse, de modo que ninguem visse; Sempre te amando, desprezando outra; Nas horas que passo comtigo na mente; Horas serenas desta quadra bella; Meiga filha de Deus, rosa d'aurora; Vendedora de amores; Que lindos [illegible] na saia de neve; Minh'alma solaça, ninguem lhe responde; Os anjos [illegible]; Passavas linda como passa anjo; Vamos, Eugenia, fugindo; Eu se te peço que te lembres, bella; *Lá para as bandas da morte, ou certão da minha terra*; E's, Marilia, tão bella e formosa; Meus amores brazileiros; Sobre o mar de eterno amor; O bem-te-vi; O vagabundo; A crioula fuedim; *Gosto de ti porque gosto*; Um caso eu vos contemplo, se bem me lembro, passeava [illegible] dolamanas, no mez de novembro; Se muito te adoro; A mulata; O [illegible] sopho; Foi bilontra decidido; O céo reveste-se de nuvens floridas — outra, imitação do autor; A amora assoma e a terra doma — outra, imitação do mesmo; A' terra uma moça bulasa; Morena escuta os meus cantos; São lagos de amores puros; Na lua eu que se colore; Que sorte, que sina cruel é o meu fado; Umaliha, no céo a lua desmaia; *O Pavão*; A loira que ao nascer abre o seio; Linda flor, como és mimosa; Porque vejo nos teus olhos (do Sr. Bilhar); Eu viste sorrindo, vaiando na valsa; Não és tu quem eu amo, não é; e centenas de outras modinhas, cada qual mais linda, eguais a esta ou talvez nascem melhores.

Um grosso volume com mais de 200 paginas, com riquissima capa 2$000

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 2$500, em carta registrada, com valor declarado, dirigida

a esta redacção

LOTERIA DA CARIDADE
Segunda-feira 20 do corrente

POR 3$00 **10:000$000** POR $800

Esta loteria, fiscalisada pelo **Exm. Sr. Dr. fiscal da União e pelo do Estado, tem garantia dos premios** pelo Estado, nos termos do decreto federal n. 2.418, de 26 de dezembro de 1896, e mais a caução do Thesouro Federal de **40:000$** em apolices. As extracções serão feitas na agencia geral, á rua de S. José n. 113, **ás 4 1/2 horas da tarde.— A. CAMPOS & C.**

Ao publico.—As machinas podem ser examinadas antes e depois das extracções.

O agente em Nictheroy, GUILHERME M. P. VASCONCELLOS

CANÇONETAS A 200 rs.

A Missa Campal — Do Mesmo Lado — A rir... A rir — Assim... Assim — O Pão Fresco — As Minhas Collegas — O Meu Amigo Banana — Os Phosphoros — Brincadeiras — Si Eu Fosse Rapaz — Nem Eu Nem Ella — Os Suspiros — Ora Toma, Mariquinhas — O Calado é Melhor — A Banana — Descarrilar — Do Outro Lado — Enganos — A Minha Familia — O Chefe d'Orchestra — A Gargalhada.

A' venda no Escriptorio desta folha

LIVRO DO CRIADOR
ou
TRATADO TEORICO E PRATICO DE ZOOTCHNIA
contendo todas as regras para a criação racional e economica do boi, do cavallo, do burro, do jumento, do carneiro, da cabra, do porco e do cão, etc., etc., seguido de um
MANUAL DE MEDICINA
e
Cirurgia veterinaria
e de um completissimo
FORMULARIO DE MEDICAMENTOS BRAZILEIROS
empregados na veterinaria, tanto para a cura dos grandes animaes, taes como: boi, cavallo, burro, jumento, cabrito, carneiro, porco e cão, como ainda dos pequenos, como sejam: aves de gallinheiro, coelhos, preás da India ou porquinhos, canarios, etc., etc., terminando por um excellente e completo tratado das
AVES DE GALLINHEIRO
comprehendendo: a gallinha, a gallinhola, o pato, o marreco, o ganso, o cysne, o perú, o pavão, o pombo e o canario, seguido de instrucções sobre a criação dos coelhos e porquinhos da India e preás
POR
MANOEL DUTRA
Um colossal vol. in-8° grande, enc. ..... 10$000
A' VENDA NO ESCRIPTORIO DESTA FOLHA
Os pedidos do interior devem vir acompanhadas de 11$000, em carta registrada com valor declarado.

MARIA
A
DESGRAÇADA
ROMANCE SENTIMENTAL

Uma joven que é raptada justamente na vespera do dia em que vai casar-se com o moço a quem idolatra; o longo e lento martyrio dessa infeliz no carcere privado em que o seu algoz a prendeu; a sua angustia, o seu desespero; a angustia, o desespero do seu noivo — eis o que é o romance—MARIA, A DESGRAÇADA.

POR
ELYSIARIO DA SILVA

Um grosso volume com riquissima capa 3$000.

A' venda no escriptorio desta folha. Pelo correio mais 500 réis.

CONTOS PARA VELHOS
DE
BOB
Um elegante volume com capa illustrada a duas cores
2$000
Romances a 1$000
PAULO DE KOCK
Gustavo, o Estroina, A Dama dos Tres Espartilhos, A Menina das Tres Saias, A' Procura de Noiva, A Vereda das ameixas, Os Sete Bagos de Uva, A Familia Pavilhão
ANSELMO RIBAS
A SEARA DE RUTH
PAUL FÉVAL
A CREOULA
JULIO MAY
Paixão e Odio
H. P. ESCRICH
VISINHA DO POETA e MAGDALENA
ALEXANDRE DUMAS
VINGANÇA CORSA
TEIXEIRA E SOUZA
Maria, a menina roubada
XAVIER DE MONTEPIN
MARTYRIO E CYNISMO

A' VENDA NO ESCRIPTORIO D'ESTA FOLHA